

RENCONTRO
literatura

Robin Hood

O salteador virtuoso

Tradução e adaptação em português de

Joel Rufino dos Santos

Ilustrações de

Roberta Masciarelli



editora scipione

Edição
Cristina Carletti
Assessoria editorial
Suely Mendes Brazão

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Célia M. Delmont de Andrade,
Paulo Cesar Stefani, Thelma Annes de
Araújo e Thiago Barbalho

Programação visual de capa
Didier D. C. Dias de Moraes

Editoração eletrônica de capa
Wladimir Senise

Ilustração de capa
Wanduir Duran

Diagramação
Mauro Forte De Lucca



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2015
ISBN 978-85-262-4207-4 – AL
ISBN 978-85-262-4208-1 – PR
Cód. do livro CL: 734832

15.^a EDIÇÃO
19.^a impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Robin Hood*, tradição oral compilada e organizada por J. Anderson. Londres: Purnnell, 1976. (The Luxe Classics)

• ● •
Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• ● •



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Joel Rufino dos, 1941-

Robin Hood: o salteador virtuoso / adaptação em português de Joel Rufino dos Santos. – São Paulo: Scipione, 2001. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

97-0391

CDD-028-5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem criou Robin Hood?</i>	5
Introdução – As mil e uma vidas de Robin Hood	8
Capítulo I – O nascimento de Robin Hood	10
Capítulo II – Quem seria Robin Hood?	12
Capítulo III – Surge o defensor dos fracos e oprimidos	19
Capítulo IV – A um passo da forca...	25
Capítulo V – Robin encontra Joãozinho, o gigante	36
Capítulo VI – A dívida de Richard Leigh	40
Capítulo VII – A pastora Clorinda	46
Capítulo VIII – O estranho espadachim.	53
Capítulo IX – Frei Michael vai para a floresta . .	55
Capítulo X – Durante um torneio, uma flecha no alvo.	58
Capítulo XI – Robin Hood e o açougueiro.	62
Capítulo XII – O engano de Arthur	65
Capítulo XIII – O amor de Allan Dale, o poeta. . .	70
Capítulo XIV – A morte de Worman	74
Capítulo XV – Will Scarlet tomba sem vida. . . .	78
Capítulo XVI – O fim de Gisborne e a presença do cavaleiro negro.	80
Capítulo XVII – Um misterioso peregrino assiste ao casamento de Robin e Marian	87
Capítulo XVIII – A vingança do príncipe.	94
Capítulo XIX – Ainda uma aventura	102
Capítulo XX – A última flecha.	107
<i>Quem é Joel Rufino dos Santos?</i>	112

QUEM CRIOU ROBIN HOOD?

Defensor dos pobres e dos oprimidos: era o que se dizia de Robin Hood.

Por isso mesmo, muita gente deve ter desejado ardentemente que ele tivesse existido de verdade... Mas Robin Hood é apenas uma figura lendária, cujos feitos foram celebrados desde a Idade Média.

Não se sabe ao certo em que data teria surgido esta velha lenda inglesa, mas é possível que tenha sido entre os anos de 1150 e 1250; portanto, entre os séculos XII e XIII.

No princípio, a história de Robin Hood era contada por poetas populares anônimos, que a declamavam em versos simples, como aqueles da poesia de cordel. Mas os feitos de Robin Hood eram também narrados nas baladas e canções dos trovadores medievais da Inglaterra e da Escócia. Eis por que a história desse herói constitui um dos primitivos documentos que atestam as origens da literatura inglesa.

Através do tempo, a história de Robin Hood foi sendo ampliada, com a criação de novas lendas que narravam feitos gloriosos, sempre atribuídos ao caro herói dos ingleses. Isto ocorreu até mais ou menos meados do século XV. Os feitos de Robin Hood e seu companheiro Littlejohn estão relatados na *Lyttel Geste of Robin Hood*, um espécie de coletânea de histórias populares, como as célebres **novelas de cavalaria** das literaturas medievais francesa e portuguesa. Acredita-se, porém, que a mais antiga versão da história de Robin Hood seja a que tem o título de *Robin dos Bosques*.

Mas o que fazia esse herói tão amado, tão celebrado em prosa e verso?

Inicialmente, Robin Hood era o chefe de um bando de homens fora da lei (os *outlaws*) que, escondidos na floresta

inglesa de Sherwood, atacavam com arco e flecha os viajantes ricos para roubar-lhes moedas de ouro e joias.

Ocorre que, para esse tipo de crime, havia uma justificativa: Robin Hood roubava dos ricos para dar aos pobres, tornando-se assim uma figura popularmente simpática, uma vez que era inimigo mortal dos homens tidos como hipócritas, exploradores e cruéis.

Naquele tempo, os nobres, instalados em seus castelos medievais, exploravam o serviço dos camponeses, fazendo-os trabalhar sem uma justa compensação. Também os membros do alto clero, que gozavam de muito prestígio, cometiam inúmeros abusos. Robin Hood personificava, então, a revolta e o ódio dos camponeses contra essa opressão.

Mas esse herói alcançava épocas ainda mais remotas: hábil no manejo do arco e da flecha, com suas roupas verdes, que se confundiam com o verde das folhagens do bosque, ele simbolizava também a resistência e a persistência do povo saxão, ao defender-se do avanço do invasor normando. É que, entre os séculos II e III, os normandos, povo de origem nórdica que habitava o norte da França, invadiram e tomaram a ilha Britânia, que hoje constitui a Inglaterra, a Escócia e o País de Gales.

Explica-se, portanto, a grande quantidade de situações e significados que poetas e escritores foram acrescentando a essa heroica história popular, sempre mostrando, no fundo, o espírito tradicional e simples do povo inglês.

Ainda hoje, Robin Hood é muito festejado na Inglaterra. O bosque de Sherwood, conservado como uma espécie de parque nacional, ostenta na sua entrada uma grande estátua do herói: o defensor dos pobres e dos oprimidos...

As aventuras de Robin Hood

Introdução

As mil e uma vidas de Robin Hood

Aqui no Brasil, por volta de 1950, os jornais falaram muito de Robin Hood. Era um marginal que se escondia no morro da Cachoeirinha, no Rio de Janeiro, zombando de toda a polícia carioca. Frequentemente, descia de lá para assaltar ou vingar uma ofensa qualquer. Certa vez, Robin Hood ousou invadir uma delegacia. Depois de render os policiais, deixou um recado sobre a mesa do delegado: “Vim ver onde vocês trabalham...” Os jornais é que lhe deram o nome de Robin Hood, pois, ao retornar dos assaltos, ele distribuía dinheiro e alimentos aos pobres.

Na verdade, foram muitos os Robin Hood surgidos em páginas de livros ou no cinema: Dick Turpin, Cartuche, Schinderhanne, que viveram respectivamente na Inglaterra, França e Alemanha do século XVIII; Diego Corrientes, um andaluz que, como Jesus Cristo, foi traído e preso num domingo e condenado à morte numa sexta-feira; Zelin Khan, da China; Mate Cosido, dos pampas argentinos; Giuseppe Musolino, do Aspromonte (Calábria, Itália), que passou 45 anos na cadeia, onde enlouqueceu; o “bandido” Giuliano, que o cineasta Francesco Rosi transpôs para o cinema; Jesse James que, com seu irmão Frank James, fazia justiça no velho faroeste, cavalgando em seu rápido cavalo... e Lampião, o rei do cangaço, o mais estuendo Robin Hood de todos os tempos.

Nas suas diversas encarnações, Robin usou todo tipo de armas: arco e flecha, espada, arcabuz, espingarda, punhal, alfanje, revólver, rifle e metralhadora. Talvez tenha existido até mesmo algum Robin Hood nas florestas

brasileiras que usasse também o arco e a flecha e às vezes um forte tacape... Mas até hoje não se sabe.

Dizem que o primeiro Robin Hood nasceu e viveu na Inglaterra, na floresta de Sherwood (distrito de Nottingham), em fins do século XII, durante o reinado de Ricardo I, Coração de Leão. As histórias e baladas medievais que contam sua vida não lhe fizeram propriamente um retrato. Não se sabe, portanto, como era fisicamente, porém suas virtudes atravessaram os séculos, inspirando, como dissemos, vários povos e várias gerações.

Afinal, Robin Hood respeitava certas regras e nunca deixou de cumpri-las:

- Jamais ficar do lado do mais forte.
- Tirar dos ricos para dar aos pobres.
- Nunca se omitir diante de uma injustiça.
- Nunca matar, a não ser em legítima defesa ou por vingança justa.
- Não se desligar de sua comunidade, sob qualquer pretexto.
- Respeitar o rei e em seu nome corrigir os erros e reparar as injustiças contra os pobres.

Robin Hood não escolheu, propriamente, a vida que levou. Há muitas versões a respeito de como ele deixou de ser um pacato cidadão para se converter no terror dos ricos corruptos e glória dos pobres honestos. Mas, em todas, ele parece sempre destinado a cumprir uma missão: a de justiceiro, vingador dos fracos e protetor dos pobres.

Eis a razão pela qual Robin Hood nunca morreu, reaparecendo em épocas e lugares tão diferentes como França, Estados Unidos, Itália, Alemanha, China... E também no Brasil do início deste século, e até mesmo num morro carioca, anos atrás...

Provavelmente, quando os homens habitarem outros planetas, a milhares de quilômetros de distância, Robin Hood continuará ainda o seu incessante processo de reencarnação.

Capítulo I

O nascimento de Robin Hood

No século V, a Inglaterra, que era dominada pelos romanos e se chamava Britânia, foi invadida por povos germânicos – os anglos e saxões –, que lá se estabeleceram. Por isso, passou a chamar-se Inglaterra, que significa “terra dos anglos”.

Mais tarde, no século XI, o país sofreu nova invasão: os normandos, povo nórdico que habitava o norte da França, instalaram-se ali e submeteram os anglo-saxões ao seu domínio. As rivalidades entre eles perduraram ainda por muito tempo.

Não se sabe ao certo o ano em que nasceu Robin Hood. Parece ter sido por volta de 1160, na Idade Média, durante o reinado de Henrique II, pai de Ricardo Coração de Leão.

Conta-se que, por essa época, um certo saxão, o nobre Robert Gamewell, teve a infelicidade de descobrir que sua filha Joana, apaixonada pelo filho de um conde normando, fugira do castelo onde morava sua família.

Para Gamewell, o desgosto não poderia ser maior: sua única filha pretendia viver com um inimigo da sua gente, um normando... Sua decisão não foi outra: mandou seus empregados aprontarem imediatamente arcos, flechas e espadas e partiu em busca da filha, primeiro nos povoados vizinhos, depois nas cidades mais distantes.

Descobriu-a na floresta de Sherwood, vivendo com o normando, Jaime, e com o filho Robert, ou Rob, como o chamavam seus pais.

Surpreso, pois não soubera da gravidez da filha, o nobre queria dizer alguma coisa, mas a emoção era grande... Jaime procurou desfazer o impacto da situação:

– É uma honra conhecê-lo, senhor. Quero que saiba que sempre desejei encontrá-lo para jurar-lhe, pelo amor de minha mulher e de meu filho, que nada tenho contra os saxões. E prometo-lhe: jamais, seja qual for a ocasião, hostilizarei o seu povo!

E o normando abraçou o saxão longamente. O velho Gamewell, enfim, fez-lhes uma pergunta:

– Como se chama o menino?

– Robert, como o senhor – respondeu Joana. – Robert Fitzooth...

– Seja bem-vindo ao solo da Inglaterra, meu neto! Você, que nasceu no seio desta verde floresta, sem luxo nem grandeza, será livre como ela! Gostaria que se tornasse um brilhante cavaleiro, defensor dos fracos e oprimidos!

Vencidos os primeiros momentos de emoção, Gamewell propôs ao casal:

– Vamos todos para o meu castelo, pelo menos para festejar este feliz encontro.

– Agradeço-lhe, senhor, mas não poderei – respondeu Jaime. – Amanhã cedo vou para minha terra, onde deverei auxiliar meu pai num combate contra os inimigos do nosso rei. Porém ficaria feliz se o senhor levasse Joana e Robert. Partiria mais tranquilo.

Pouco tempo depois, um mensageiro chegou ao castelo de Gamewell com a triste notícia de que Jaime falecera combatendo em sangrenta batalha.

Joana preferiu voltar então para a floresta de Sherwood, onde Rob foi criado à moda saxã, livre e destemido, como profetizara seu avô que, ao morrer, lhe deixou inúmeras propriedades.

Só bem mais tarde, já adulto, Rob ganhou o nome com que se tornou famoso. À semelhança de muitos contemporâneos, portava sempre um capuz (em inglês, *hood*). Associando-o a essa peça de vestuário, seus companheiros o apelidaram de *Rob-in-the-hood*. Com o tempo, ficou conhecido como Robin Hood.

Capítulo II

Quem seria Robin Hood?

Enquanto o menino Robert crescia e se tornava Robin Hood, muita coisa aconteceu na política inglesa. Em 1189, subiu ao trono inglês Ricardo I, Coração de Leão, que imediatamente partiu numa cruzada. As cruzadas eram expedições organizadas por nobres europeus a Jerusalém, cidade onde morrera Jesus Cristo, e tinham por finalidade libertá-la do domínio muçulmano.

Mas Ricardo não conseguiu chegar a Jerusalém. Teve de voltar às pressas para a Inglaterra, onde explodiam várias rebeliões políticas. No caminho de volta, contudo, o rei desapareceu: ninguém sabia se estava morto ou fora sequestrado.

Na Inglaterra, o povo já não acreditava que ele reaparecesse algum dia. O bispo de Bly, que estava governando o país em sua ausência, logo foi acusado de traição e afastado do trono por um irmão de Ricardo, o príncipe João, que tomou o poder, fazendo-se senhor absoluto de normandos e saxões.